

LIÇÃO 2

A IGREJA E A PRÁTICA DA ORAÇÃO

TEXTO ÁUREO: “Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2.3-4).

LEITURA BÍBLICA: 1 TIMÓTEO 2.1-7

INTRODUÇÃO

Como explicamos na aula anterior, as epístolas pastorais contêm orientações apostólicas tanto para a vida cristã em comunidade como para o cumprimento da chamada ministerial. Muitas vezes esses dois aspectos podem ser facilmente distinguidos, mas não é o caso da passagem que estudaremos hoje. O assunto desta lição é *pelo que, por que e como* os crentes devem orar quando se reúnem – um assunto pertinente a *todos* os cristãos, ainda que, ao orientar a prática deste importante componente das nossas reuniões, o apóstolo requeira atitudes distintas de determinados grupos na igreja.

I – A IGREJA DEVE ORAR POR TODOS (vv. 1-2)

Juntamente com a *pregação da palavra*, a *oração* é uma das características mais importantes da vida cristã em igreja (cf. At 2.42; 8.4; etc.). Assim sendo, Paulo iniciou sua epístola a Timóteo lembrando-o de que ele havia sido deixado em Éfeso principalmente para assegurar a *pregação da sã doutrina* nas igrejas sob o seu cuidado, repreendendo os maus obreiros e proibindo qualquer perversão da palavra de Deus. E agora, antes de passar a outros assuntos, o apóstolo se sentia compelido a tratar da prática da *oração* nas igrejas: “*que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graça*”. O uso de diversas palavras para denotar a prática desse dever indica que o objeto a ser proposto para oração não é casual, nem pouco importante, mas deve ser de *contínuo* interesse da igreja, os crentes perseverando e velando sobre isso com ações de graças diante de Deus (cf. Cl 4.2).

Segundo a orientação do apóstolo, os crentes, quando reunidos, devem orar “*por todos os homens*”. Certamente, “*todos*” aqui não significa: “de forma geral e indefinida”, nem “*todos e cada ser humano*”; mas, sem dúvida, inclui muito mais do que os crentes, seus familiares e suas necessidades particulares. Paulo apresenta então um exemplo: “*pelos reis e por todos os que estão em eminência*”. As autoridades políticas também não são *todos os homens*, mas representam um *grupo* de pessoas que ocupavam uma posição distinta das demais na sua *relação* com a igreja. De fato, esses poderes foram constituídos por Deus para manter a ordem e a paz da sociedade (Rm 13.1-7; 1 Pe 2.13-14), e essa estabilidade e segurança *deve ser desejada pela igreja e buscada em oração* (cf. Jr 29.7), pois, como diz o apóstolo, desta *bênção* depende o exercício da *liberdade cristã* em uma *vida quieta e sossegada*.

Assim sendo, o exemplo citado por Paulo deveria ser suficiente para entendermos que a igreja deve orar por *todos os tipos ou classes de homens*: por *crentes e incrédulos; pobres e ricos; amigos e inimigos; governados e governantes*. A razão disso vamos entender nos versos analisados no próximo tópico.

II – DEUS QUER SALVAR A TODOS (v. 3-7)

Apesar de podermos encontrar diferentes motivos para orar por determinados grupos de pessoas, como fez Paulo em relação às autoridades políticas, o apóstolo explica que orar por todos é *bom e agradável diante de Deus* porque Ele *quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade*. Notemos então que não é somente pelo testemunho da palavra, mas também – e podemos até dizer: antes – pela *oração* é que a boa vontade de Deus para salvar os homens se realizará (cf. At 4.24-31; Ef 6.18-19; Mt 6.10). Muitos podem não entender porque Deus, na Sua vontade soberana, escolhe um e

rejeita o outro; mas a igreja confessa, ao orar por todos, que Ele não faz acepção de pessoas, mas pode salvar e salva o pecador independentemente de sua raça, língua ou posição social (cf. At 10.34-35).

O apóstolo apresenta ainda um segundo argumento para reforçar o dever da oração comunitária em favor de *todos os homens*: a *unidade* de Deus e do Mediador entre Deus e os homens. Embora muitos se façam deuses ou assim sejam declarados pelos homens, o fato é que existe somente um Deus, que é criador de tudo e de *todos* e, por isso, nenhum tipo de pessoa, nenhuma das suas criaturas, pode ser considerada excluída do chamado à salvação (Mc 16.15; At 2.39; Rm 3.29). Do mesmo modo, foi para *dar-se a si mesmo em preço de redenção por todos* que Jesus Cristo veio ao mundo como *homem* – pelas circunstâncias terrenas e em razão das promessas, judeu, é verdade; mas isto não exclui que, pela encarnação em si e pelo propósito divino, ele tivesse assumido a carne e o sangue que são comuns a toda a espécie humana (Jo 1.10, 14; Hb 2.14-15). Cf. At 17.24-28; 1 Co 8.5-6.

E esta também é uma nova oportunidade para Paulo apresentar o seu próprio ministério como argumento em favor da doutrina proposta, pois, assim como Deus e Cristo Jesus são um só para todos os homens, do mesmo modo ele havia sido constituído *apóstolo* e *doutor* não apenas para os judeus, mas para os *gentios* – ou seja, para os povos e nações do mundo todo (cf. At 9.15).

III – A NECESSIDADE DE ORDEM PARA A ORAÇÃO (VV. 8-15)

Tendo definido por quem e por que a igreja deve orar, o apóstolo passa a tratar do *modo* como os crentes devem conduzir suas reuniões. E, se Deus não discrimina ninguém quanto à salvação, isto não pode ser tomado como pretexto para abolir toda a distinção natural definida pelo próprio Deus. Pelo contrário, a igreja deveria dar testemunho dessa ordem divina pelo exemplo. Assim, tanto a *oração* como a *pregação*, por representarem elementos essenciais do culto público, devem ser *conduzidas* pelos homens da igreja e *assistidas* pelas mulheres. Talvez aqui haja uma questão cultural no que diz respeito à expressão dessa liderança na oração por meio do *levantar das mãos*; mas o ponto é que, seja qual for a atitude exterior, só são dignos de conduzir a oração pública aqueles que vivem em santidade (este é o sentido de *mãos santas*) e que estão em paz com o próximo (Hb 12.14).

As mulheres, por sua vez, também devem participar da oração (cf. At 1.14), mas com o cuidado de *se ataviarem em traje honesto, com pudor e modéstia*. A mulher santa que deseja orar e ser ouvida por Deus deve se lembrar de que Ele *não olha para o exterior, mas para o interior* (1 Sm 16.7), agradando-se de *boas obras* e de um *espírito manso e quieto* (1 Pe 3.3-6). Se não cuida do seu interior, a mulher pode ter aparência que aos olhos dos homens pode ter valor, mas para Deus não vale nada.

Por estarem relacionadas, o apóstolo passa facilmente da *oração* para a *pregação*, sendo ainda mais incisivo nesse ponto em relação às mulheres: *não permito, porém, que a mulher ensine*. Ele não se estende muito aqui, mas podemos considerar que as razões para a proibição são as seguintes: *aprender em silêncio* está mais de acordo com a *sujeição* devida ao marido – sujeição essa inerente ao papel da mulher definido na criação, de *auxiliar* o homem e ser *guiada* por ele (1 Co 11.8-9; Ef 5.22-24). E não foi por essa sujeição a Adão e sua liderança que Eva foi *enganada, caindo em transgressão*, mas precisamente quando agiu em desacordo com esses princípios. A sujeição tornou-se em castigo que se perpetuaria na ordem natural (Gn 3.16), mas a mulher ainda pode cumprir o mandato divino estabelecido no princípio por meio da *procriação*, e assim *salvar-se* por realizar o seu propósito enquanto mulher e, *perseverando na fé, amor e santificação, salvar-se* enquanto membro do corpo de Cristo, tal como o homem (Gl 3.28).

CONCLUSÃO

A igreja deve compreender que é testemunha da vontade de Deus em salvar o homem em todos os aspectos da sua existência, tanto redimindo-o dos seus pecados e conservando-o para a vida eterna como restaurando sua dignidade e mostrando-lhe a posição que ocupa na criação de Deus, somente onde poderá ser realmente feliz.